

Praia Vermelha



Praia Vermelha

Estudos de Política e Teoria Social

ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

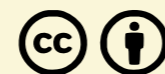
Temas Livres

v.34 n.2

Jul-Dez/2024

A Revista Praia Vermelha é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro cujo objetivo é servir como espaço de diálogo entre centros de pesquisa em serviço social e áreas afins, colocando em debate, sobretudo, os temas relativos às políticas sociais, políticas públicas e serviço social.

Conheça nossas [políticas editoriais](#).



Praia Vermelha

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REITOR

Roberto de Andrade Medronho

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

João Torres de Mello Neto

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

DIRETORA

Ana Izabel Moura de Carvalho

VICE-DIRETOR

Guilherme Silva de Almeida

DIRETORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Fátima da Silva Grave Ortiz

REVISTA PRAIA VERMELHA

EDITORA-CHEFE

Miriam Krenzinger UFRJ

EDITOR TÉCNICO

Fábio Marinho UFRJ

REVISÃO

Tikinet Edição LTDA EPP

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

CONSELHO EDITORIAL

Angela Santana do Amaral UFPE

Antônio Carlos Mazzeo USP

Arthur Trindade Maranhão Costa UNB

Christina Vital da Cunha UFF

Clarice Ehlers Peixoto UERJ

Elenise Faria Scherer UFAM

Ivanete Boschetti UFRJ

Jean François Yves Deluchey UFPA

Leonilde Servolo de Medeiros UFRRJ

Marcos César Alvarez USP

Maria Cristina Soares Paniago UFAL

Maria Helena Rauta Ramos UFRJ

Maria das Dores Campos Machado UFRJ

Maria de Fátima Cabral Gomes UFRJ

Myriam Moraes Lins de Barros UFRJ

Ranieri Carli de Oliveira UFF

Rodrigo Castelo Branco Santos UNIRIO

Rodrigo Guiringuelli de Azevedo PUCRS

Salviana de Maria Pastor Santos Sousa UFMA

Suely Ferreira Deslandes FIOCRUZ



Lélia Gonzalez (Reprodução / Fundação Cultural Palmares)

APLICAÇÃO EM CAPA MODIFICADA COM A FERRAMENTA ADOBE FIREFLY IMAGE 3

Publicação indexada em:

Latindex

Portal de Periódicos da Capes

IBICT

Base Minerva UFRJ

Portal de Revistas da UFRJ

Escola de Serviço Social - UFRJ

Av. Pasteur, 250/fundos

CEP 22.290-240

Rio de Janeiro - RJ





Praia Vermelha: estudos de política e teoria social /Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Vol.1, n.1 (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social. Coordenação de Pós-Graduação, 1997-


Semestral
ISSN 1414-9184
eISSN 1984-669X

1.Serviço Social-Periódicos. 2.Teoria Social-Periódicos. 3. Política- Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

CDD 360.5
CDU 36 (05)

 Para uma melhor experiência de leitura, recomendamos o acesso por computador com visualização em tela cheia (CTRL+L).

 Navegue pelo texto utilizando os ícones na lateral esquerda das páginas ou as setas em seu teclado.

 Clique [aqui](#) para baixar, instalar e utilizar gratuitamente o Adobe Reader.

Sumário

353 Editorial

Miriam Krenzinger & Fábio Marinho

ARTIGOS TEMAS LIVRES

354 Pensando com(o) Lélia Gonzalez: a construção do pensamento feminista afro-latino-americano

Brenda Steffani Marques Pereira

369 A importância histórica da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

Erick José Gonçalves dos Santos Silva et alia



393 E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira & Jackson Roger de Oliveira

423 Grupos reflexivos: cenários de uma política pública no sistema de justiça brasileiro

Mariana de Freitas Barbosa & Cristiane Brandão Augusto

445 A criança e a destituição do poder familiar em processos no Rio de Janeiro

Elisa Costa Cruz

466 A política de educação infantil no enfrentamento dos conflitos entre trabalho e família

Simone Dalbello, Andrea de Sousa Gama & Vanessa Bezerra de Souza

486 Problematizando a despolitização do trabalho social na Política Nacional de Assistência Social

Helder Barros e Souza & Silvio José Benelli

CLASSICOS DA PRAIA VERMELHA

509 Notas sobre Cidadania e Modernidade

Carlos Nelson Coutinho



Para acessar os demais textos deste número clique aqui e veja o sumário online.

Praia Vermelha

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Solidão
Mulheres negras
Racismo

A partir da chacina do Jacarezinho, este artigo procura reconstruir teoricamente uma análise da solidão da mulher negra brasileira a partir de dois nexos histórico-sociais: o “lugar natural” desumano socialmente fundado de negros e negras e os elos afetivos como complexos sociais estranhados. Nossa metodologia é o procedimento de “abstrações razoáveis” marxista, em que isolaremos determinações particulares e universais da questão racial para reproduzir idealmente o processo real das condições e categorias sociais principais da solidão das mulheres negras. Concluímos que há um vínculo dialético entre legalidades capitalistas e a solidão da mulher negra, de caráter desigual, que invalida um entendimento apenas lógico-formal e um recurso não revolucionário.

Patrick Oliveira
patrick1007@hotmail.com

Jackson Roger de Oliveira
jacksonrogersp@gmail.com

And the loneliness of black women, how is it?

Based on the Jacarezinho massacre, this article seeks to theoretically reconstruct an analysis of the loneliness of black Brazilian women based on two social-historical links: the socially founded inhuman “natural place” of black men and women, and affective relations as estranged social complexes. Our methodology is the Marxist “reasonable abstractions”, which we isolate particular and universal determinations of the racial question to ideally reproduce the real process of the main social conditions and categories of black women’s loneliness. We conclude that there is a dialectical and unequal link between capitalist legalities and black women’s loneliness, which invalidates a logical-formal understanding and a non-revolutionary resource.

Loneliness
Black Women
Racism





Introdução

Para negros e negras, o racismo tem estado em mórbida evidência há mais de 400 anos na realidade brasileira desde a escravidão moderna. Mas, por conta de uma condição catatônica imposta à força pela violência das armas e dos pensamentos dominantes (Moura, 2019), o estado de coisas material e idealmente racista vinga de modo denegado na cultura brasileira (Gonzalez, 1984). Esse quadro estranhado e aparentemente cristalizado revela pistas de suas contradições essenciais. Seguiremos esses elementos: nosso ponto de partida é a própria realidade, portanto.

Atualmente, tal como no transcorrer desses mais de 400 anos, a situação não ocorre longínqua: a realidade dos negros e negras no Brasil exibe com energia, ainda que sob máscaras e inversões, parte de seus processos sócio-históricos reiterativos que garantem a determinação de existência do negro como o “ser negro”, como forma que simula “a redução do corpo e do ser vivo a uma questão de aparência” (Barros, 2019, p. 33), ainda que de maneira denegada (Gonzalez, 1984), como no caso particular do racismo brasileiro. Um ser que detém um rasgo fenotípico, sanguíneo, familiar, religioso, cultural etc.¹ particular-decisivo para suas condições de existência, práxis e nível de consciência na sociedade burguesa, um “ser particular” marcado socialmente pelo seu exterior como “ontologia do atraso”. É na função prático-social (Lukács, 2018) da ideia identitária (moderna, branca, capitalista etc.) posta por meio da economia, geografia e da religião presentes, um *identitarismo capitalista*, e sua forma prática agindo como raça ou identitarismo nacional, que gerou um falso-universal no particular histórico-social, em termos eurocêntricos da colonização, estruturado no cerceamento das personalidades humanas (Barros, 2021).

Para negros e negras cariocas, as chacinas promovidas rotineiramente pela polícia representam milhares de mortes, um evento normal, que há séculos destina corpos negros assassinados para valas comuns. Em dez anos, entre 2009 e 2018, apenas no estado do Rio de Janeiro mais de 400 chacinas, executadas por policiais ou grupos paramilitares, ocasionaram cerca de 1.300 mortes (G1, 2019). Entre 2012 e 2019, cerca de 80% das mortes violentas de jovens no país tinham os negros como protagonistas (CNN, 2021). Em 2019, a proporção de vítimas de

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



homicídio numa ótica nacional pendulou em 77% para negros, segundo Cerqueira *et al.* (2021, p. 52). Em 2020, 86% dos mortos em ações policiais no estado do Rio de Janeiro eram negros (G1, 2021a). Na capital fluminense, no mesmo ano, os negros representaram 90% dos mortos também em ações policiais (G1, 2021a). Entre 2020 e 2021, em valores nacionais compilados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), enquanto o número de brancos mortos por policiais diminuía em 30,9% (provavelmente aqui há uma reflexão íntima entre a pandemia e o aumento do desemprego e da fome, dado que o pauperismo socioeconômico recaí sobretudo sobre negros e negras), a soma de negros subiu em 5,8% e atingiu o patamar de 84,1% do total das vítimas, podendo ser ainda maior por conta da falta de dados mais confiáveis das secretarias estaduais de segurança pública. Hoje, seguindo a lógica da violência colonial revestida como guerra às drogas, sempre direcionada à favela e aos negros, o governo genocida de Cláudio Castro somou 182 mortes em 40 chacinas em um ano de governo² (Uol, 2022a).

Nesse sentido, as mulheres negras, sem menor escolha, carregarão em si a dor, a real solidão e a precariedade negra pelo assassinato do seu jovem filho negro³ por toda sua vida. Com isso, há uma ameaça concreta à própria existência do negro como ser humano ou ao “tornar-se negro”, realizada desde a escravidão e animada pela crise do capital, causando um cotidiano articulado como um cativo social, cultural, sexual, religioso, político, econômico, emocional etc., nos termos de Collins (2020). Esse lugar representa o “lugar natural” do negro, em que a realidade prática é a “divisão racial e sexual do espaço” (Gonzalez, 1984). Em outras palavras, queremos apontar que a mulher negra é composta socialmente como *objeto* destinado a papéis sociais de gênero específicos (obviamente em caráter sócio-histórico, não ontológico): cumprir uma vida alienada como mãe, empregada, esposa ou prostituta, que se relaciona com uma divisão sexual e racial do trabalho na particularidade capitalista nacional (o desenvolvimento pela via colonial, o racismo de denegação e a superexploração da força de trabalho, em geral), e causa as maiores mazelas objetivas e subjetivas de pobreza e solidão a partir da morte de jovens negros.

Essa dimensão de solidão existe de forma multifacetada antes mesmo dos assassinatos, dado o “traumatismo escravocrata”

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



contínuo, existente principalmente para a mulher negra, e representado violentamente no “culto do estupro” e na negação afetiva às mulheres em prol do mundo e carne branca (Fanon 2008), pois “a carne mais barata do mercado” continua a ser a carne negra, retomando Elza Soares. É só a partir desses elementos que podemos, como teoria, reconstituir o significado relacional e desigual (com a categoria de totalidade em mente) de uma violência racista e estranhada como a solidão. É do cotidiano envolto pela colonialidade do poder, do saber e do gênero, nos termos de Quijano (2005) e Lugones (2014), que partimos: a chacina do Jacarezinho, a maior da história do Rio de Janeiro, vitimou 28 pessoas no dia 6 de maio de 2021, sob a defesa de que todos os assassinados seriam “vagabundos” (Uol, 2022b).

Essa chacina, em termos legais do direito capitalista, estava proibida de acontecer desde junho de 2020, por decisão do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), dado que, conforme o Ministério Público (MP) do Rio de Janeiro (El País, 2021), não havia risco imediato para a população carioca. O procedimento dos policiais revelou o conteúdo mórbido e genocida da operação, porque a chacina ocorreu com indícios balísticos e periciais, além de testemunhas que corroboram os indícios de tortura: mortos desarmados, deslocados da cena do crime ou nos próprios cômodos de casa com tiros à queima-roupa, indicando tortura combinada de execução (Agência Brasil, 2021). Logo, pode-se assegurar que existiu, com toda certeza, uma teleologia de chacina pelos policiais, conforme apontou a promotoria (Rede Brasil Atual, 2022). Porém, ainda assim, 24 das 28 mortes foram arquivadas pelo MP, e as polícias demoliram o memorial das vítimas com base na perversa alegação de que seria uma “apologia ao tráfico de drogas” (O Dia, 2022).

Nesse nível, o genocídio negro, objetivado pelas chacinas, destrói de vez a já inexistente paz, vomita a guerra, putrifica o ar, consome a felicidade e interrompe o sonho de um dia deixar o mundo da guerra, o mundo das favelas, pois para negros e negras a guerra é o seu mundo real, é a sobrevida no purgatório diário, é o mundo do capitalismo dependente internacionalmente e sua herança reiterativa (estrutural) do escravismo. Para as mulheres negras, esse nexos assassino da realidade condiciona uma intensificação de sua posição enquanto vítima de maior opressão e exploração, porque recebe a dor da matança de seus filhos e

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





depois engole toda essa violência gerada como um ser inferior. Por protestar contra o genocídio negro, contra a morte dos seus, recebe alcunha de “mãe de bandido”, signo racista-vexatório que especula por meio da metafísica racial os moradores de favela⁴. Para essas mulheres, esposas, mães e familiares, o genocídio se materializa primeiro pelo assassinato físico e moral do ente querido, depois pela massiva destruição psicossocial de si (que obviamente ocorre dialeticamente no mesmo tempo em que os assassinatos negam a vida, já que a opressão da subjetividade preenche a morte da alma, do prazer de viver), epidermizada pela sobrecarga sobredeterminada no trabalho doméstico e no cotidiano, integrando a solidão pelo luto com a solidão afetiva remanescente da violência colonial, como o fim da convivência cultural e afetiva decorrente da insegurança alimentar⁵. A consequência real se materializa no cotidiano, nas experiências do mundo, nos afetos, na saúde mental e no mercado de trabalho. Como dissemos, portanto, esse “lugar natural” do negro imputa uma dinâmica de maior carga de sofrimento e pauperismo objetivo e subjetivo para as mulheres negras, como produtos da lei geral da acumulação capitalista (Marx, 2017) em sua própria particularidade colonial-dependente da formação econômico-social brasileira (Moura, 2020a).

Portanto, visando uma análise materialista da questão, para excluir preconceitos naturalistas e culturalistas de certa analítica pequeno-burguesa, o artigo inicia destrinchando o pano de fundo visível dessa violência sistêmica-estrutural contra o negro no Brasil como condição desumana. Essa abertura nos permite olhar melhor para a questão da solidão da mulher negra, produto tanto do genocídio contínuo quanto da própria objetificação reificada do corpo negro feminizado, pelo homem branco ou negro. As determinações nacionais, de viés particular, carecem de mediações mais gerais, investigadas em âmbito universal. Nesse sentido, em segundo momento, o trabalho irá tratar da dialética entre objetividade desumanizadora e alguns complexos subjetivos imersos na gênese de conformação desumanizante dos negros e negras, olhando em particular a questão da solidão afetiva das mulheres negras. No retorno a Jacarezinho, poderemos apresentar uma reconstrução teórica materialista como reconstituição ideal da solidão da mulher negra por meio da dialética entre os complexos do genocídio da população negra e do estranhamento racial.

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



O processo de desumanização dos negros e negras afro-brasileiros

Para o mundo racializado e universalizado pela mercantilização do capital por meio do mercado mundial e de revoluções burguesas, o modo de manifestação do concreto se situa centralmente como dualístico e hierárquico, subsumindo os complexos de opressão em relação ao gênero, casamento, família e sexo ao complexo do colonialismo, como expansão do capital comercial para o industrial e processo histórico de opressão e subalternidade de povos e humanos particulares, epidermizando no poder político e no cotidiano (Lugones, 2014). Essa racionalidade de supressão do *Outro*, momento da violência imanente do capitalismo, deu vida a uma racionalidade específica para as colônias, que da estrutura econômica concebia imediata e cruelmente uma superestrutura ideológica racista (Fanon, 2022), que subsumiu a razão do narcísico Homem, do “mundo branco e sua brancura”, a uma lógica escravagista anti-Outro (anti-preto ou anti-não branco), como situa Fanon (2008), pois o uso da ideologia racial intensificava o tolhimento existencial (porque desumano) dos seres escravizados, ainda que não apenas africanos: a racialização da escravidão se deu com intuito de ser racionalização político-ideológica para o trabalho compulsório voltado para o lucro (Williams, 2012).

Em geral, essa ideologia com o estranhamento econômico por todos os seus poros condiciona uma alienação nas relações sociais, desnaturalizando o homem de sua própria natureza histórica e social, isto é, de seu gênero humano, como ser social (Fanon, 2008). Pela perspectiva da aparência, da realidade em sua face externa, há negros, brancos e outras centenas de “raças”, compilando as diferenças étnicas com o estranhamento racista a partir de uma racialização que parte da própria *identificação-estaque* do europeu, multifacetada em sua estrutura geográfica, cultural, religiosa e econômica. Pela perspectiva do mundo real, ou seja, pela luta de classes, a burguesia, a partir do período em que se torna material e espiritualmente dominante, transforma efetivamente o Homem — ela em si — em Universal, resguardando tanto formas precedentes de racismo como dinamizando o patriarcado, e gerando o capitalismo (um particular histórico) em uma ideologia hipostasiada: *mundo verdadeiramente mundo*, civilizado, supostamente dotado em si de Luz, Razão, Religião, Ciência, Deus, Família e Beleza (Faustino, 2013).

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os *modernos* da humanidade e de sua história, isto é, *como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie*. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo — isso não é um privilégio dos europeus — mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (Quijano, 2005, p. 122, grifos do autor).

No Brasil colonial e imperial, as relações sociais estavam fundadas por um modo de produção escravagista amplamente proposto e vinculado servilmente ao capital externo, de maneira que seu funcionamento político, familiar, cultural, religioso, econômico e ideológico se deu a partir da expropriação, (super)exploração e opressão primeiramente dos povos originários, depois do africano escravizado e, em sequência dialética-reflexiva, dos não brancos nascidos da síntese multicultural (Moura, 2020b). O afro-brasileiro escravizado, projetando a mercadoria em si, como liquidez absoluta, concebia a forma mais intocável e preciosa de propriedade privada no sistema colonial. Por um lado, essas mercadorias humanas (socialmente não humanas) eram os produtores mercantis que na Europa se volviam capital (Marx, 2017). Por outro lado, essa relação de máxima subsunção dos cativos aos senhores, visando a produção de mercadorias, tornava-os cernes da violência na colônia (Moura, 2020a).

Um tópico dessa violência pode ser descrito pela periódica busca por “justificar” a depravação sexual do colonizador, os estupros, por meio da racialização, que desumanizou as mulheres não brancas como sadomasoquistas por natureza, como bestas sexuais e peças inanimadas espúrias, brutais e infantilizadas intelectualmente (Lugones, 2014). O homem não branco, por sua vez, conformou-se como objeto viril, animalesco, ressaltado como demonstração prática do trabalho compulsório e estabelecendo uma ética e razão de trabalho voltadas para um “ato civilizatório”,

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





que impôs a ele sua “condição natural” de trabalhador manual, coisificado e embrutecido⁶.

No Brasil, as sequelas estruturais (pois reiterativas e constitutivas da processualidade concreta — sensível e suprassensível — da sociedade brasileira) dessa dinâmica surgem como momentos cristalizados de um todo caótico, no qual a intensa reificação produziu uma intersubjetividade heteronômica tanto dos sujeitos passivos quanto dos ativos (ao estatuto colonial e às opressões), pois são essas formas — os estilhaços sociopsicológicos da brutalidade — que permanecem como chicotes psicossociais de opressões do Ser de pessoas racializadas (Gonzalez, 1984). Por isso a pele preta, como núcleo da reprodução desigual do capitalismo no Brasil, continuará situada como a pele alvo: basta notarmos a reprodução ampliada do capital e de sua lei geral em relação ao aumento relativo do exército industrial de reserva e do rebaixamento do valor da força de trabalho por motivos morais (Marx, 2017), uma vez que sua formação é sobretudo negra, assim como o encarceramento em massa brutalmente atuante em países como Estados Unidos e Brasil. A mulher preta, em especial, persistirá sendo a mulher promíscua, suja e “estuprável”, que “germina” como Ser para o Tudo-Ser no Carnaval (Gonzalez, 1984)⁷. É assim que o brilho negro procura a afirmação, a assimilação e aceitação da neurose cultural do mundo branco (por mais que o faça sem saber/sentir, dado o seu ponto de apoio persistir sendo o mesmo, salvo nos casos em que negue toda a estruturação desse mundo), dado que em maior medida afeta homens negros e *aparece* como o processo socio-dialético da gênese da solidão das mulheres negras⁸.

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão-de-obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante, o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da Escravocracia (Nascimento, 2006, p. 128).

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





Por isso é que os “tipos e mitos” conservadores “do pensamento social brasileiro” (Ianni, 2002) surgem como a autêntica epidermização da racionalidade neurótica na teorização, expressando as conexões dicotômicas, hierárquicas e ideologicamente racistas entre controvérsias teóricas, raças, modernidade capitalista e classes. E assim concebem as expressões reais do pensamento dominante que naturaliza o conteúdo e as particularidades das relações sociais capitalistas que fundiram o “problema colonial-racial” com o “problema da classe” na “nação” brasileira, como os seguintes mitos: a democracia racial, o brasileiro cordial, o ócio biológico do negro, a infantil e primitiva condição sexual-animal da mulher negra, os estupros como miscigenação calma e bela, a sodomia do indivíduo não heteronormativo, a bestialização do indígena “desintegrado” (Ianni, 2002). É o “preconceito de não ter preconceito” (Gonzalez, 2020b, p. 168) sob a regra da idealidade racista do mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento.

Portanto, para a “crítica do realismo dos negros”, ou seja, a crítica à vida cotidiana de negros e negras, situa-se o cotidiano como o piso em que dialeticamente se atinge os complexos afetivos, sexual e erótico, em que a dinâmica societária matiza e necessita dos “complexos de inferioridade e marginalização” de pessoas racializados para dinamizar a seu favor todos os nexos envolvidos na valorização do valor (a alma do capitalismo): desde o rebaixamento geral dos salários, pela composição do exército industrial de reserva e do trabalho não pago para o tempo dispendido no trabalho doméstico para “reproduzir o trabalhador assalariado”, até a perpetuação da podre metafísica racial, como estranhamento e ideologia funcionais. Isso diz que, independentemente de seu querer, toda pessoa racializada que nasce sobre o solo pútrido e fétido do capital estará condicionada às suas formas reiterativas de existência coisificada e estranhada, às suas relações sociais de produção historicamente determinadas que geram um modo de acumulação violento que, sistematizado com o seu inato caráter também como modo de subjetivação social, ocasiona particularidades metafísicas e ocultas, como o racismo de denegação (Gonzalez, 1984). Afinal, a supressão do negro enquanto negro ocorre dialeticamente com a sua subsunção real ao capital como proletário: não só como

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



traumatismo histórico, esse processo histórico-dialético constitui parte interna da estrutura específica do capitalismo, pois todo estranhamento detém como base material a exploração; é *causa* e *efeito* da totalidade social de exploração e violências subjetivas maximizadas precisamente pelo racismo e impostas a negros e negras (Almeida, 202).

Com isso, nota-se o “lugar natural” dos negros brasileiros como um lugar de grande prostração desumana, vil e paupérrima, em que a pobreza e a sobrevida no cotidiano se estabelecem como subalternização estrutural. Como vimos, a lei geral de acumulação capitalista glosa o aumento do pauperismo relativo, expresso na fome e no desemprego, ao passo que essa linha histórico-social de obliteração sociocultural à existência dos negros trata a questão racial brasileira como caso de polícia e “a sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo” (Gonzalez, 1984, p. 233). E esse medo e repressão são práticos e de conteúdo violento, vide na chacina do Jacarezinho, por exemplo. Porém, não é pela sua historicidade factual que descobrimos sua essência interna, como vimos. Isso vale ainda para a dimensão subjetiva da mulher negra, sobretudo sobre a sua solidão. Assim, agora vamos analisar em um nível mais abstrato (mas *real*, existente, ainda que oculto, pois a verdade é a essência e ela *sempre* se manifesta casualmente) os nexos sociais que substantivam essa solidão e envolvem a racialização e a prática afetiva do homem negro.

O processo de solidão da mulher negra: memória colonial e busca pelo mundo branco

Como vimos desde o início do texto, há um processo reiterativo de desumanização dos negros no Brasil, de maneira que a maioria desses sujeitos estão sob jurisdição da violência urbana, vívida nas favelas, e das maiores parcelas de miséria e ausência de assistência estatal. Partindo do caso singular da chacina do Jacarezinho, articularemos teoricamente o processo de solidão da mulher negra como um capítulo da violência subjetiva estruturada no estranhamento racial.

É nesse sentido que Pacheco (2013) aponta a existência concreta de uma representação social que se apoia em determinantes histórico-sociais como raça e gênero e que opera como uma

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



questão decisiva nas escolhas afetivas das mulheres negras. Esse mecanismo de opressão socioafetiva, segundo ela, contribui para caracterizar mulheres negras e mestiças como *coisas* que não pertencem à oferta do “mercado afetivo”, ao mesmo tempo em que as situa em um contexto “natural” gerador de uma racionalização dentro dos parâmetros da racialização, ditada nas representações sociais depreciativas/racistas, entre as quais, destaca Pacheco (2013), estão os mercados do sexo, da erotização adstringida e do trabalho doméstico profundamente tingido por elementos homofóbicos, racistas, misóginos, patriarcais e vinculados ao “traumatismo do estatuto colonial” e à dinâmica capitalista. Em contraste, no entanto, as representações ligadas à “cultura do afetivo”, assim como também do casamento e da união estável, seriam próprias de mulheres brancas. Como sustenta Gonzalez (2020c), o argumento de que mulheres negras não servem para algum trabalho ou relação afetiva é a prova prática-explicativa da *especulação* racista sob a ilusão (socialmente real) das ideias igualmente racistas (teóricas ou não) no tocante aos complexos estético, ético e cultural.

É nesse sentido que esse sistêmico histórico-social (e aqui muitas ênfases para o nexos histórico-social e não ontológico) “lugar natural” da mulher negra significa dispositivo de representação reflexiva (ideal, que estrutura não só o conhecimento como toda práxis subjetiva) das solidões dessas mulheres, culpando-as e camuflando seu real processo, refletindo uma anuência passiva em relação ao racismo e uma estrutura dissimulada típica de veículos de informações baseados nos mandamentos comerciais da sociedade burguesa, uma vez que sua comunicação social se põe como reprodutora da ideologia dominante, que funcionalmente é racista e misógina.

Isso ocorre ainda com outra alma da reprodutibilidade cultural da classe dominante: a universidade. Para bell hooks (2020), há um consenso nas academias no que se refere aos estudos sobre a exploração sexual das mulheres negras ocorrida de forma massiva no período em que transcorreu a escravidão, e essa suposta consensualidade visa abrandar, para si mesmas, as discussões sobre seus diversos efeitos nocivos e cotidianos formados no “lugar natural” da mulher negra e que se conservam até hoje, como a inferiorização na produção científica. Essa ideia dialoga com o pensamento de Collins (2019), pois explica que o

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



“imaginário social”, assim como o “imaginário acadêmico”, pairam prostrados em uma política sexual derivada do colonialismo, que representa um sistema de dominação, opressão e exploração que impregna da vida cotidiana até a consciência: não só dos negros e negras, mas toda a composição ideológica (e simbólica, objetivamente fundada) do reconhecimento entre singular e o gênero humano, sendo uma cisão ideologicamente racial, um estranhamento diante do universal com a exploração como base (Marx, 2004).

Em outros termos, diz que o ideológico do estatuto da escravidão moderna cindiu a multiplicidade das formas de amor e de humanidade distintas dos arquétipos europeus-burgueses, de maneira que o conjunto de relações afetivas de mulheres negras se tornou síntese social-fenomênica na forma fetichizada sexualizante-depravada, como o cerceamento das personalidades singulares: como prostitutas eróticas e hiperssexualizadas por natureza (Collins, 2019) num (cruel e estranhado) “sistema moderno colonial de gênero” (Lugones, 2014, p. 935-936).

Como o capitalismo engendra uma racionalização alienada às formas reificadas do processo de reprodução da vida material, o espelho ideológico mistifica (e fissura) as relações cristalizadas de outras formas sociais (Rubin, 1987). Por isso que essa extensão de violência e anomia encaminha o homem negro para o fetichismo afetivo-racial em relação às mulheres brancas, ou seja, o “típico homem negro”, em termos fanonianos, busca volta e meia o seu reconhecimento de ser e pertencimento de existir no mundo branco-patriarcal, porque a pseudocomprovação de sua masculinidade narcísica-heterossexista se consolidaria pela preferência por mulheres brancas, no consumo egóico-racializado da carne branca.

Para o homem negro, há uma intensa tendência (muito mais inconsciente, diríamos) para buscar seu Ser nessa Outra, que nem sequer roga por particularidades linguísticas, corpóreas etc., pois é socialmente situada como ontologicamente universal, ainda que obviamente o Belo seja ligado à misoginia patriarcal e a subalternize diante do homem, e o capitalismo especifique esse *assim chamado universal “homem”*: branco, europeu, cisgênero, magro, heterossexual etc. Um *Não do preto*, diria Fanon. Assim como X mercadoria vê seu valor no valor de uso da mercadoria Y, o negro X vê seu valor numa branca Y. *Sua alma está na Outra*.

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



E essa Outra *tende* a ser branca. Ela *aparece como* o resumo poético, o amor que salva a castração, como entre Abelardo e Heloísa, a síntese idílica e o véu opaco de que ele carece para ganhar seu atributo de Homem, de Ser, embora numa relação estranhada patriarcal-sexista. Com isso, há a tendência à genitália, ao pênis como alusão ao “ser negro” reificado (Fanon, 2008), de modo que, naturalmente, coisifica-se automaticamente as mulheres negras, como ser de base criminosa, como golpista de casamento ou como mulata-suja (Gonzalez, 1984), pelas barragens do mercado de trabalho (Collins 2019), resumindo-a socialmente como o *Não da Outra*.

Por isso que, segundo Pacheco (2013), as mulheres negras têm uma menor probabilidade de sucesso no “mercado matrimonial”, diante da alta concorrência com mulheres não negras, pois ao expurgar socialmente a mulher do mundo do dinheiro, enquanto manifestação do valor, o capital subsumiu para si o patriarcalismo do modo mais misógino possível, pois relegou para o feminizado o “lugar natural” constituído “por natureza” nos cuidados domésticos, valorando-a como inferior e à necessidade das mulheres “chegarem lá” via casamento, ou seja, de negarem seu viés de *Não da Outra* para propriamente ser a Outra.

Essa dinâmica expressa o violento tom de solidão das mulheres negras, pois não têm formas de melhorar sua “otimização de alocação”, para desespero dos economistas: por um lado, situa-se plenamente como ser inferiorizado, tanto no juízo cultural e afetivo quanto pela ideologia de que seu corpo é receptáculo sexual para os Outros, o que gera uma *antecipação* da forma racializada em relação ao seu conteúdo humano; por outro, a pobreza assola em maior medida as mulheres negras, acarretando a impossibilidade (relativa) de poder pagar cosméticos (isso quando há para pessoas negras) ou compras em lojas conceituadas (obedecendo ao reducionismo racista de beleza — o Belo é o branco e o Formal é, não ocasionalmente, o liso, o fino e o magro — e seu vínculo com as relações afetivas, dada a limitação objetiva do dinheiro) para competir com mulheres brancas nesse “mercado matrimonial”.

Nesse processo, vemos que há um grande e diverso reducionismo, amplamente misógino, uma vez que ecoa sistematicamente a monogamia como “ontologia das relações afetivas” e canaliza essa construção social como realização concreta de prazer, afeto e erotismo (reificados na ideia

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



socialmente formada, vale ressaltar, de casal e amor românticos), como se só assim a mulher negra (ou a mulher em geral, aliás) pudesse se reconhecer como Ser pelo “transformismo não substancial e unilateral” de sua existência social como esposa (e, aqui, lembremos que essa condição se põe como carência real, não por subjetivismo abstrato-universal de mulheres, ainda mais se forem racializadas), como se ali simulasse a realização de seu Ser que socialmente não é: o preenchimento, agora efetivado, do “tornar-se Outra” que a nega como Negação da Outra⁹.

O ditado “branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico” (Gonzalez, 2020b, p. 170).

Para essas mulheres, negras, a “aceitação tácita” dos homens negros ao heterossexismo racista, patriarcal e fortemente misógino (não é uma aceitação convencional e generalista, mas sim um campo de escolhas e possibilidades dadas na realidade cotidiana do homem negro, sobretudo o que está em “ascensão social”), condiciona uma exclusão dialética-estrutural de sua existência sexual, porque ao mesmo tempo que exclui a mulher negra das relações amorosas, pela fantasia de sua pseudobrutalidade sexual e o benefício de ir de encontro aos termos e espíritos brancos, também a ratifica como exclusiva para prazer sexual (de modo sobretudo reificado e animalesco), restando uma dimensão erótica absorvida pelo prisma universalizante da forma-mercadoria, ou seja, como prostituta, ou, diametralmente, como mãe assexual que destinou o “âmago de vida” aos cuidados e, por isso, tornou-se frígida, conforme o exemplo de Collins (2019).

Há aqui um fetichismo do complexo afetivo, que dialeticamente vê sua gênese numa totalidade desigual, histórica e dialeticamente vinculada às relações sociais que constituem formas de ser culturais, morais etc. Portanto, determinações entre essência e fenômeno mediadas por meio dos veículos racistas e, assim, fetichizados: o humano aparecendo como coisa. Os polos



antitéticos dessa objetificação social não podem ser apenas desmembrados na relação superficial, ou seja, não é possível excluir a afirmação e a negação sem ver que são parte de uma unidade múltipla, constituindo-se como unidade.

Com isso apontamos, afinal, que essa síntese de relações de solidão afetivo-sexual, engendrada pelo “traumatismo escravocrata” e pela própria dinâmica capitalista, na dialética entre agir individual e coerção das estruturas sociais, coloca as mulheres negras no *centro da negação afetiva*, seja pelo lado amoroso-romântico, seja pelo erótico-sexual, pois, a partir do momento em que relações afetivas negras se cultivam em relações hipercoisificadas, o local das mulheres negras se desloca do natural-espontâneo para o coisificado-estranhado, passível de *associação indevida* com aspectos eróticos-abusivos fora de seu lugar, atrelando-se sempre aos elementos da “cultura do estupro” remanescentes da escravidão, ainda que mudem de acordo com cada processo histórico (a prostituição por meio das redes sociais, por exemplo).

Há, portanto, uma *indexação social negativa-sexualizante* que não é parte do caráter ontológico das mulheres negras, do ser social, mas sim de um estranhamento, uma gênese sócio-histórica particular na história humana, em que elas foram apartadas de sua própria humanidade: relações sociais estruturais que se situam como tendências histórico-sociais, obviamente passíveis de não se concretizarem, dado o acaso histórico-cotidiano e as mudanças sensíveis (revolucionárias ou não). Essas relações se transformam com o controle e domínio coisificados do homem, seja branco ou não branco, sobre a vivência cotidiana das mulheres negras, uma vez que, na mesma medida em que são vistas como “seres hiperssexuais”, também são enquadradas na hierarquização racial, que subsumiu o lugar social da construção social-categorial do gênero e a ampliou (ou concretizou) de modo racista.

A responsabilidade afetiva dos homens negros, também humanos produzidos pela objetificação da vida e memória colonial, apresenta-se assim como *forma de traição* para as mulheres negras, porque a sua participação no “processo de miscigenação” é densa e se deve às suas opções por mulheres não negras, que, como vimos, pressupõe um conjunto dialeticamente vinculado com escolhas e alternativas causais, cotidianas, mas também

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





legais, de ordem estruturalmente posta pela constituição da sociedade capitalista em si. Trata-se, com efeito, do papel do acaso na relação ontológica entre agir individual e estruturas sociais.

Essa preferência afetivo-sexual representa uma forma de contribuição negativa significativa desse grupo diferenciado¹⁰ para o mestiçamento da população brasileira nas últimas décadas. Em outras palavras, cabendo aqui a utilização de um neologismo muito em voga, a “palmitagem” se faz presente de modo mais acentuado pelo comportamento do homem negro do que da mulher negra (Pacheco, 2013). Esse ponto, porém, não *expressa* em si o problema, mas é um *sintoma* dos entes racistas, de negação afetiva, de maneira que, conscientemente ou não, dinamiza o problema, por mais que jamais possa ser teoricamente entendido como a raiz da questão, muito menos como elemento finalístico global e inteiramente condicionado previamente por cada homem negro, como se a união de negros e brancas gerasse sozinha o segredo da solidão das mulheres negras. Como falamos, é uma condição final não teleológica, ainda que constituída pelas ações individuais. Ao contrário, portanto, esse nó é só um complexo dentre a totalidade de complexos existentes: uma estrutura complexificada em si, opressiva e exploratória, mas que só ganha correto sentido teórico se vista como momento dialético de uma síntese histórica-social com outros complexos¹¹, um “complexo de complexos” (Lukács, 2013), como a própria sociedade burguesa enquanto totalidade.

Para Collins (2019), essa dimensão representa uma complicada e coisificada “tradição de amor e ódio” nas relações afetivas das mulheres negras, conformando contínuas tensões na autoconfiança dessas mulheres. Por um lado, como dito, os homens negros “precisam” do álibi de Homem para alcançarem os comandos da relação, ao passo que enquadram “suas” mulheres em cenários de hipersexualidade racista-patriarcal em momentos afetivos, que são prontamente erotizados e remetidos à memória colonial como o ser dessas mulheres. Por outro, em aparente oposição, mas com o mesmo intuito de dominação racista-patriarcal, esses homens, negros ou não, obliteram as iniciativas e humanidade ativa dessas mulheres no momento em que se veem ameaçados no poderio hierárquico das relações afetivas, deslocando a erotização indevida para uma pretensa

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





passividade ingênua e falta de discernimento adequado da realidade das mulheres negras, muitas vezes revelado como agressividade ou ciúmes (sintomas, e não causas, portanto), como produtos da racionalização desumana de negros e negras fundada durante a colonização capitalista, porque estipulam determinados aspectos de ser, desejar, sentir e existir como se fossem ontológicos.

No cotidiano dessas mulheres, essa solidão se objetifica na materialização de se sentir e se ver no “fim da fila” da atração afetiva, no sentido da desejabilidade afetiva e/ou sexual, destituindo a sua própria sensualidade como parte interna de sua existência (Collins, 2019). Por isso que, para Collins (2019), essa relação de inferiorização em toda a cadeia afetivo-sexual volta-se para a dimensão de “amor aos filhos” ou à carreira profissional, distanciando o calibre espontâneo-romântico das relações afetivas das mulheres negras. As grandes histórias de amor, ao passo que foram abafadas como lastro de atraso dos negros e negras, perderam relativamente seu valor positivo nas comunidades ocidentalizadas, e o amor romântico, incessantemente aéreo na monotonia e limitação heteronormativa e monogâmica do casamento burguês, é bloqueado para o campo de possibilidades afetivas das mulheres negras. Sem contar que essa monogamia é uma “propriedade ontológica” das mulheres, pois sua maior importância social para as trocas mercantis reside em seu poder gestacional, ponto que, naturalmente, perde centralidade quando o tema é a monogamia dos homens. Inclusive, na lógica célere do capitalismo contemporâneo, é mais moderador e aprazível que os homens expulsem a sobrecarga alienada de seus cotidianos e do reducionismo monogâmico com uma *monogamia dissimulada*, que só existe para a mulher e socialmente no intuito de proteção *in loco* da futura força de trabalho. Por um lado, afinal, não nos esqueçamos que a “emoção é negra e a razão é (pretensamente) helênica” (Faustino, 2013). Por outro, a mulher negra, como um Hércules moderno, deve fazer seus colossais trabalhos e agradecer docilmente.

Tudo isso caracteriza o caráter de tendência e reconstituição teórica da solidão da mulher negra. Devemos ressaltar que essa imposição põe em questão o ciclo vicioso do mercado de trabalho e do local desumanizado das mulheres negras como *formas* dessas tendências abstratas, que ganham, por isso,

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



caráter necessariamente desigual, que ampliam o calibre do labirinto de desumanização e significa o cotidiano desumano de pessoas negras feminizadas, ocasionando um sistêmico-estrutural quadro de solidão que perpassa o quadro puramente afetivo-sexual, porque, em si, resguarda a reflexividade histórico-dialética com os demais complexos de sua “categoria subalterna” de ser racializado. Por isso, é uma questão que não pode ser só invertida ou dividida epistemológica ou individualmente: a saída neurótica do fetichismo afetivo-sexual para o Eu-Empresa (aparece sempre como ideologia do empoderamento e/ou empreendedorismo) atua somente como recalçamento do problema em si, como escape alienado e direcionamento (vazio de sentido) de esforços da sobredeterminada sobrecarga de trabalho e cuidados domésticos atuando como saída individual para um problema social, coletivo, incapaz de suprimir a desumanidade da solidão afetiva apenas pela vontade.

Portanto, o processo sócio-histórico de solidão das mulheres negras é constituído por fatores universais (do capitalismo), particulares (do país) e singulares (dos atos singulares em sua mesmice), que se relacionam dialeticamente, engendrando uma totalidade reflexiva entre entes que restringem absurdamente o bem-estar de pessoas negras feminizadas, que negam a sua própria existência como Ser, sua própria humanidade. Essa desumanização é resto tanto da violência colonialista quanto das relações sociais que efetivaram a colonização (o comércio, mercado mundial) e a racialização colonial (a justificação, como um estranhamento e ideologia, para a lucratividade): é processo histórico de uma forma de organização social histórica, do capitalismo, que desigual e dialeticamente une e expande formas velhas e novas de opressões e explorações e reproduz sempre processos de violência e expropriação, como é a solidão de mulheres negras.

Considerações finais

O objetivo deste artigo se deu ao redor de uma análise materialista acerca da solidão afetiva da mulher negra no Brasil, pelo curso de dois nexos histórico-sociais dessa dinâmica e a partir da chacina do Jacarezinho. Ou seja, uma reconstrução ideal com o caso mais concreto, aparente, da chacina: uma processualidade científica marxista, deve-se ressaltar.

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



Evidentemente, não se vê aqui um trabalho final sobre esses dados, de maneira que nos limitamos a revisitar só dois pontos que avaliamos ser basilares para fecundar “análises concretas de situações concretas”: trata-se de reconstituição não pura em termos historicamente factuais, e sim histórico-dialéticos com suas tendências e gama de categorias e relações sociais constituintes.

Por um lado, método abstrativo marxista que não se reconstrói teoricamente do nada. Por outro, indica que não há aqui nenhum esgotamento dos complexos da solidão das mulheres negras, em especial num período em que o capitalismo contemporâneo emana o capital fictício que põe mais mazelas pelo crédito e a financeirização da pobreza, pontos em que sequer tocamos¹².

Portanto, ditas nossas limitações conclusivas, em primeiro plano buscamos exibir os elementos de desumanização dos negros e negras brasileiros pela especificidade do capitalismo que aqui se materializou. Em segundo plano, apontamos para a dimensão dialética-abstrata desse ponto inicial com a solidão de mulheres negras, uma relação entre objetividade e subjetividade, como determinação dialética-psicossocial de categorias universais do capitalismo, de particularidades do Brasil e de singularidades objetivas e subjetivas entre a prática de homens e mulheres negras. Trata-se, mais uma vez, de uma dialética ontológica entre agir individual, teleologicamente determinado, e as alternativas e possibilidades objetivas fundadas reflexivamente com a coerção das estruturas sociais. Assim, vemos um quadro geral-tendencial a partir de sua constituição histórico-material, como dialética de objetividade e subjetividade, da solidão afetiva em sua particularidade negra.

Partimos da realidade e voltamos a ela própria, agora reconstituída idealmente: retornando a Jacarezinho, como campo de ações, que explana e forma a solidão da mulher negra, conclui-se que sua razão estrutural retém esses dois complexos em reflexão exaustiva. Em local dialético, a memória colonial se dá pela desumana conformação e articulação, pelas classes dominantes, de correlações sexo-afetivas subjugadas pelas violências coloniais, a par da necessidade objetiva (o lucro) dos capitalistas. Como bônus negativo para o habitual afetivo-sexual dessas mulheres, há o racismo, subsidiado pela alienação capitalista, que epidermizou, pela prática dos homens

**E a solidão das mulheres
negras, cumé que fica?**

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira





brancos e não brancos, a exclusão erótica-afetiva de mulheres negras, sempre condicionada ao complexo mais geral da ideologia e da sociedade que a motiva: a sociedade burguesa. Por conta disso, para essas mulheres há uma desumanização no natural-espontâneo das relações afetivas que envolvem parceiros e parceiras afetiva-sexualmente desejadas: há uma dificuldade inerente no nível psicossocial, constituindo-se como um estranhamento, ou seja, descompasso entre o livre desenvolvimento da personalidade humana e o desenvolvimento social total.

Logo, a chacina do Jacarezinho revela-se parte desses nexos estruturais, que guarda em si maior dano aos corpos negros feminizados, pois destina o poço mais profundo da solidão para mulheres negras que perderam entes afetivamente próximos pela manutenção do “lugar natural” de negros e negras. Elas são as maiores vítimas da coação policial: mulheres negras em relações afetivas com pessoas não brancas, tendencialmente sofrem mais em relação à perda, porque não tem condições de manter sua sobrevivência sozinha, ainda mais se tiverem filhos, e ocorre a destruição de sua estabilidade afetiva. E, veja, não se trata de “quantificar a solidão”, pois isso é impossível, e sim de demonstrar dialeticamente como há uma sobrecarga inegável para mulheres negras. Com efeito, uma dupla articulação: o Estado, que a vê como caso de política,¹³ e o fetichismo da concorrência afetivo-sexual com as mulheres brancas.

Enquanto determinações reflexivas, dentro de um crivo dialético de “complexo de complexos”, direcionam para uma resposta política que somente na linha do universalismo consegue tornar a ideia força motriz para as massas, ou seja, não é por um Eu-empresa que o estranhamento da solidão afetiva vê o seu afogamento concreto, mas sim num Eu-comum, efetivado socialmente, que expurga essas relações mutiladas em si. Em oposição a medidas individuais ou parciais ao problema, somente a reestruturação do conjunto de valores afetivos e produtivos do mundo se apresenta como resposta ao nível complexificado da questão, representando mudança estrutural e superestrutural intercedida pela revolução do próprio ser, pensar, sentir, desejar e existir deste mundo, do mundo capitalista: toma-se como palavra de ordem as individualidades *realmente* livres.

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira



Deste modo, há a necessidade da supressão real da universalidade formal, que é historicamente, de fato, universal em si e, por isso, dirige esse particularismo pretensamente igualitário entre sujeitos, ditando as “regras do jogo” da sociedade burguesa como imagem de mundo, da perspectiva jurídico-formal de sua existência. Essa transformação social advém, naturalmente, considerando a totalidade das questões que essa própria *revolução* deve pautar, de uma demanda central humanamente estabelecida em uma densa compreensão ontológica, e não apenas lógica ou epistemológica, no sentido antagônico à desumanização racista do burguês branco-europeu: uma universalidade real, destituindo qualquer meio de diferenciação que seja vinculado misticamente pelo prisma da desumanidade exploratória (fundado na expropriação do mais-trabalho, então).

Portanto, a revolução aqui ganha termos que o mecanicismo de viés contemplativo desconhece, pois sem intuir a realidade como processo histórico e dialético de múltiplas determinações, incluindo as raciais e subjetivas, como a síntese de ser e/ou de não ser do ser humano, nunca será capaz de promover transformação. Parece-nos que só o *autêntico marxismo* — que concebe histórica e dialeticamente essas questões — consegue desenvolver no plano teórico as alternativas, os limites e as tendências para a ação política que é comprometida com a emancipação humana. Logo, teoria que procura a extinção das estruturas que formam os valores objetivos e subjetivos das chacinas e da solidão da mulher negra, que parte da realidade e não da ideia, e vê no universal, na atividade livre e auto-organizada do ser humano, um caminho verdadeiramente humanizado.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

AGÊNCIA BRASIL. Laudo sobre morto em Jacarezinho mostra ferimento à pouca distância. *In: Portal Agência Brasil*. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-06/laudo-s>

obre-morto-em-jacarezinho-mostra-ferimento-pouca-distancia. Acesso em: 6 jul. 2022.

BARROS, Douglas Rodrigues. *Lugar de negro, lugar de branco?*

Esboço para uma crítica à metafísica racial. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2019.

BARROS, Douglas Rodrigues. O que é eurocentrismo?. *In: Blog da Boitempo*, 16 jun. 2021. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2021/06/16/o-que-e-eurocentrismo/#_ftnref1. Acesso em: 6 out. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

CERQUEIRA, Daniel et. al. (org.). *Atlas da Violência 2021*. 1. ed. Brasília: IPEA; São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Feminismo negro e a política do empoderamento. *In: TV Boitempo*. 28 abr. 2020. 1 vídeo (115min55s). Disponível em: <https://youtu.be/3xOO50dr3bk>. Acesso em: 30 maio 2022.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1990] 2019.

CNN BRASIL. Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo. *In: Portal CNN no Plural*. 15 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>. Acesso em 27 maio 2022.

EL PAÍS. MP do Rio cria força-tarefa sobre chacina do Jacarezinho pressionado por opinião pública e entidades de direitos humanos. *In: Portal El País Brasil*. 11 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-12/mp-do-rio-cria-forca-tarefa-sobre-chacina-do-jacarezinho-pressionado-por-opiniao-publica-e-entidades-de-direitos-humanos.html>. Acesso em: 6 jul. 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, [1952] 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1961] 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro. *In: Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 9, n. 18, p. 1-16, 2013.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Letalidade policial cai, mas mortalidade de negros se acentua em 2021. *In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022.* São Paulo: FBSP, 2022, p. 78-90. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 15 set. 2022.

G1 RJ. Em 10 anos, RJ tem mais de 400 chacinas, com 1,3 mil mortes. *In: Portal G1-RJ.* 2 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/02/em-10-anos-rj-tem-mais-de-400-chacinas-com-13-mil-mortes.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2022.

G1 RJ. Estudo diz que 86% dos mortos em ações policiais no RJ são negros, apesar de grupo representar 51,7% da população. *In: Portal G1-RJ.* 14 dez. 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/14/estudo-diz-que-86percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-sao-negros-apesar-de-grupo-representar-517percent-da-populacao.ghtml>. Acesso em: 6 jul. 2022.

G1 RJ. Jovens negros têm três vezes mais chances de serem mortos pela polícia no Rio, segundo dados do ISP. *In: Portal G1-RJ.* 18 jun. 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/18/jovens-negros-tem-tres-vezes-mais-chances-de-serem-mortos-pela-policia-no-rio-segundo-dados-do-isp.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2022.

G1 RJ. Mãe de morto no Jacarezinho vai usar indenização por dano moral de R\$ 10 mil de Thiago Gagliasso para distribuir quentinha no Rio. *In: Portal G1-RJ.* 4 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/04/mae-de-morto-no-jacarezinho-vai-usar-indenizacao-por-dano-moral-de-r-10-mil-de-thiago-gagliasso-para-distribuir-quentinha-no-rio.ghtml>. Acesso em: 27 set. 2023.

GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. *In: RIOS, Flávio; LIMA, Márcia (orgs.). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.* Rio de Janeiro: Zahar, [1979] 2020a, p. 45-48.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. *In: RIOS, Flávio; LIMA, Márcia (orgs.). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.* Rio de Janeiro: Zahar, 2020b, p. 158-170.

GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra, cumé que fica?. *In:*

- RIOS, Flávio; LIMA, Márcia (orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, [1982] 2020c, p. 217-219.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- hooks, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, [1981] 2020.
- IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 41. ed. São Paulo: Cortez, [1982] 2014.
- IANNI, Octavio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 5-10, jun. 2002.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.
- LUKÁCS, György. *A destruição da razão*. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, [1954] 2020.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, [1984] 2018.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1986] 2013.
- MARX, Karl. A Irlanda e a classe trabalhadora inglesa. *In: MUSTO, Marcello (org.). Trabalhadores, uni-vos!: antologia política da I Internacional*. 1. ed. São Paulo: [1870] 2014, p. 275-276.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1844] 2004.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, [1867-1890] 2017.
- MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. 3. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, [1994] 2020a.
- MOURA, Clóvis. *O negro, de bom escravo a mau cidadão?*. 2. ed. São Paulo: Editora Dandara, [1977] 2021.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 6. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, [1959] 2020b.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo:

Perspectiva [1988] 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. *In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. 1. ed. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 126-129.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e serviço social*. 8. ed. São Paulo: Cortez, [1992] 2011.

NEXO. Negros são 80% dos jovens que morrem violentamente no Brasil. *In: Portal Nexo*. 22 out. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/10/22/Negros-s%C3%A3o-80-dos-jovens-que-morrem-violentamente-no-Brasil>. Acesso em: 10 jul. 2022.

O DIA. Memorial a 28 mortos no Jacarezinho é retirado por ser considerado apologia ao tráfico. *In: Portal O DIA*. 11 maio 2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/05/6399119-memorial-a-28-mortos-no-jacarezinho-e-retirado-por-ser-considerado-apologia-ao-trafico.html>. Acesso em: 27 set. 2023.

O GLOBO. Pesquisa mostra que 2,8 milhões de pessoas passam fome no estado do Rio. *In: Portal O Globo*. 23 jun. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/06/pesquisa-mostra-que-28-milhoes-de-pessoas-passam-fome-no-estado-do-rio.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVERA, Margarita. Neoliberalismo e endividamento como meios de opressão das dissidências e a luta feminista. *In: Canal IE*, 3 ago. 2020. 1 vídeo (59min53s). Disponível em: <https://youtu.be/GI9dt26kOdE>. Acesso em: 15 set. 2022.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do poder: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Colección Sur Sur*. Buenos Aires, 2005, p. 117-142.

REDE BRASIL ATUAL. Massacre no Jacarezinho completa um ano com 24 das 28 mortes arquivadas pelo MP. *In: Portal Rede Brasil Atual*. 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/chacina-no-jacarezinho-completa-um-ano-com-24-das-28-mortes-arquivadas-pelo-mp/>. Acesso em: 6 jul. 2022.

E a solidão das mulheres negras, cumé que fica?

Patrick Oliveira
Jackson Roger de Oliveira

RUBIN, Isaak Illich. *A teoria marxista do valor*. 1. ed. São Paulo: Polis, [1928] 1987.

UOL. Cláudio Castro chama mortos da chacina do Jacarezinho de 'vagabundos'. *In: Portal UOL*. 30 maio 2022b. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/30/jacarezinho-claudio-castro-vitimas-vagabundos-rio-de-janeiro.htm>. Acesso em: 27 set. 2023.

UOL. Gestão Cláudio Castro tem 182 mortes em 40 chacinas em 1 ano, aponta estudo. *In: Portal UOL*. 25 maio 2022a. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/25/massacre-vila-cruzeiro-chacinas-gestao-claudio-castro-rj.htm>. Acesso em: 27 maio 2022.

UOL. Justiça bloqueia contas de Thiago Gagliasso por condenação em processo por fake News. 11 mar. 2023. *In: Portal UOL*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/justica-bloqueia-contas-de-thiago-gagliasso-por-condenacao-em-processo-por-fake-news,8fadc2ce8864fe075b635d88f74aab62gzo1lgo0.html>. Acesso em: 27 set. 2023.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1944] 2012.

Notas

1 Nesse sentido, vale dizer que a identidade entre raça e negro não é uma universalidade ontológica dos negros, e sim uma fantasia sócio-histórica desumana entre ser e não-ser imposta pelo narcísico Tudo-Ser pretensamente universal e evoluído por natureza. Por isso, existe uma série de gradientes racistas objetivados que atuam como alteridades metafísicas que perpassam, queiram os sujeitos ou não, por todo indivíduo étnica, cultural, social, familiar, econômica, religiosa, sanguineamente etc. afetado pela antinomia da metafísica racial surgida em seio branco-europeu. Logo, há uma dimensão multifacetada do “problema metafísico das raças” em relação a outros grupos não necessariamente negros, como os judeus e eslavos para os nazistas (Lukács 2020, p. 577-621), os irlandeses para os ingleses (Marx, 2014, p. 276) ou a Palestina para os sionistas (Barros, 2019, p. 138). ↑

2 Em 22 de julho de 2022, o governo de Castro efetivou mais uma chacina: 18 mortos no Complexo do Alemão, aumentando a dimensão assassina das estatísticas. Para efeito de análise, esse último caso não está englobado nesses 182 mortos em 40 chacinas. Como vemos, a tendência é explicitamente célere para os negros e negras, em que o aumento da miséria acompanha o aumento do número de mortes, além do pauperismo relativo. ↑

3 No Brasil, a maioria de jovens mortos cruelmente são negros. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), da Polícia Civil do Rio de Janeiro, jovens negros têm até três vezes mais chances de serem assassinados por policiais no estado, considerando dados de 2020 (G1, 2021b). Entre jovens com idade entre 10 e 19 anos, ainda para dados de 2020, pessoas negras representam 80% dos mortos (Nexo, 2021). Em defesa da totalidade dialética da questão, Gonzalez (2020a, p. 47) diz que “certamente o futuro que aguarda aqueles que sobrevivem será, para os jovens negros, a revolta diante da falta de oportunidades que uma sociedade racista procura reforçar segundo os mais variados estereótipos (‘negros é burro, incapaz intelectualmente, preguiçoso, irresponsável, cachaceiro’ etc. etc.). Para as jovens negras, o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituta aberta e a mais sofisticada dos dias atuais: a profissão de mulata”. ↑

4 No caso da chacina do Jacarezinho, vários bolsonaristas foram condenados por disseminar notícias falsas sobre mulheres negras envolvidas afetivamente com as vítimas. Em 2022 e 2023, o condenado foi o ex-ator Thiago Gagliasso, que reproduziu um vídeo em que Adriana Santana Rodrigues, mãe do assassinado Marlon Santana de Araújo, estaria com um fuzil na mão (Uol, 2023). Em resposta à desumanidade do violento Gagliasso, Adriana pretendia utilizar o valor da indenização para distribuir quentinhas pela cidade (G1, 2022). ↑

5 Entre 2018 e 2022, ou seja, durante o governo federal de Jair Bolsonaro e estadual de Cláudio Castro, a fome aumentou em cerca de 400% no Rio de Janeiro, destinando às mulheres negras o maior ônus dessa depravação social que retornou para as estatísticas brasileiras (O Globo, 2022). ↑

6 Porém, conforme é expandido o trabalho assalariado, o trabalho, abstratamente, reorganiza-se como social e espiritualmente próspero, bom e rico, seguindo a ética burguesa (clássica) do trabalho (Ianni, 2002, p. 8). ↑

7 Para Gonzalez (1984, p. 232), a dialética hegeliana do Senhor e do Escravo eclode no Carnaval, pois a negra só constitui reconhecimento ontológico (ser Fulana por reconhece-se em Ciclano) quando é colocada na figura de autêntica e completa negação de si, afirmando-se pela sua negação desumana e amplificando a “ontologia” do Homem: o seu gozo neuroticamente racista pela mulata. Nesse sentido, essa dialética engendra todo o mito da democracia racial. Para Moura (2021, p. 321-325), análogo à tese de Gonzalez (1984), essa relação detém como base ideológica o embranquecimento cultural e a marginalização dos negros, caindo na perda do Carnaval como originalmente uma contracultura à “neurose cultural brasileira” e à sua sintomática racista. ↑

8 Para Fanon (2008, p. 78), o homem não-branco “é um pedinte. Ele procura a tranquilidade, a permissão nos olhos do branco. Pois ele é ‘o Outro’”. Esse aspecto da solidão é um guia para a solidão que aflige as mulheres negras, mas não sua essência: a raiz está na desumanização e na sociedade burguesa, portanto. Iremos provar isso por absurdo: é impossível a singularidade de cada homem negro causar uma condição estruturalmente geral de maneira deslocada da própria estrutura social. Paradoxalmente, no entanto, esse “esterco reificado” concebe a (inexistente) democracia racial, como fictícia paixão calma freyriana entre o Homem e a Nada (Carneiro, 1995). ↑

9 Há nessas relações contradições importantes para a crítica radical: mulheres negras, em sua depressão objetiva e subjetiva, precisam adentrar nas antinomias e reducionismos do mundo (branco) burguês para ir ao “mercado matrimonial”, ou seja, devem ratificar, pela práxis cotidiana, a metafísica racista da Beleza em seus teores anti-preta para conseguir um casamento. Porém, há aqui ainda vários pilares de bloqueamento, uma vez que ocorre o posicionamento real-formal da mulher como feita ao casamento e, ao mesmo tempo, a expulsão real-concreta da mulher negra do complexo do casamento romântico, nos teores anti-preta, pela vulgarização violenta de seu Ser como mulher suja (Gonzalez, 1984). Assim, transforma-se a mulher negra em turismo sexual, em mulata do Carnaval, ao mesmo tempo que se exige o “controle de seu fogo inato” (Gonzalez, 1984). Logo, há uma série de reducionismo articulados pela alienação cotidiana do capitalismo, em inter-relação com a ideologia racista, que une os complexos da união monogâmica, patriarcado, heterossexualização compulsória e da família burguesa. ↑

10 “Quando nos referimos a um grupo diferenciado numa sociedade de classes, temos em vista uma unidade organizacional que, por um motivo ou uma constelação de motivos ou racionalizações, é diferenciado por outros que, no plano da interação, compõem a sociedade. Isto é: constitui um grupo que, por uma determinada marca, é visto pela sociedade competitiva dentro de uma óptica especial, de aceitação ou rejeição, por meio de padrões de valores, mores e representações dos estratos superiores dessa sociedade. [...] O grupo diferenciado, por isso, é identificado” (Moura, 2019, p. 148-149, grifos do autor). ↑

11 Podemos dizer que a historicidade é o princípio ontológico fundamental do ser humano, pois sua peculiaridade enquanto ser, ser social, é especificamente uma condição histórica de alternativas e possibilidades pelo seu nexos teleológico em dialética com a causalidade dada da natureza (Lukács, 2013). Logo, inexistente uma estrutura social isolada, como vista em Robinson Crusoe (Marx, 2017, p. 151-152), na formação objetiva e subjetiva do ser humano, e sim estruturas dialeticamente relacionais e estruturadas em leis, como possibilidade de ser ou não ser, que a ciência só pode analisar de maneira *post festum* e ver suas tendências reconstituídas como teoria, como estamos fazendo aqui. Por isso, só é possível pensar na sociedade como um “complexo total e relacional”, que é composto por complexos parciais, mas totais em sua própria constituição processual, como a natureza e sua completamente indistinta “posição” ao querer ou saber cognitivo dos seres humanos, pois nela há somente causalidade dada. “Assim sendo”, indica Lukács (2013, p. 162), “até o estágio mais primitivo do ser social representa um complexo de complexos, onde se estabelecem ininterruptamente interações, tanto dos complexos parciais entre si quanto do complexo total com suas partes. A partir dessas interações se desdobra o processo de reprodução do respectivo complexo total, e isso de tal modo que os complexos parciais, por serem — ainda que apenas relativamente — autônomos, também se reproduzem, mas em todos esses processos a reprodução da respectiva totalidade compõe o momento predominante nesse sistema múltiplo de interações”. ↑

12 Ver, por exemplo, Olivera (2020). Há uma necessária investigação feminista-marxista a ser feita nesse âmbito, embora perpassa por toda a discussão sistemática sobre crédito e crise em Marx e sobre a crise do capitalismo contemporâneo. ↑

13 E aqui, brevemente, devemos indicar o caráter mediador do Serviço Social (Iamamoto e Carvalho, 2014, p. 81 e 101) na divisão sociotécnica do trabalho na sociedade capitalista, nos termos de Netto (2011, p. 72), para dizer que a assistência está posta aqui em termos de execução e controle ideológico. Há ainda o lado da comunidade, que depende essencialmente do caráter conciliador ou não para com essas mulheres negras. Somente com uma investigação estatística com entrevistas localmente realizadas poderíamos dizer qual e como é essa correlação. ↑



Este número da Revista Praia Vermelha foi diagramado entre janeiro e fevereiro de 2025 pelo Setor de Publicações e Coleta de Dados da Escola de Serviço Social da UFRJ, para difusão online via Portal de Revistas da UFRJ. Foi utilizada a fonte Montserrat (Medium 13/17,6pt) em página de 1366x768pt (1:1,77).